



A BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE

PERMANÊNCIA E METAMORFOSES

José Augusto Cardoso Bernardes

Ana Maria Eva Miguéis

Carla Alexandra Silva Ferreira

COORDENAÇÃO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2015

Tendo como pano de fundo as Comemorações dos seus 500 anos, a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra organizou um Congresso Internacional subordinado ao tema “A Biblioteca da Universidade: permanência e metamorfoses”, que teve lugar nos dias 16, 17 e 18 de janeiro de 2014, no auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra.

O objetivo maior desta reunião científica foi o de refletir sobre o presente e o futuro das bibliotecas que servem públicos universitários. Numa outra vertente, procurou chamar-se a atenção para a importância de que a Biblioteca se reveste, tendo em vista o progresso do conhecimento técnico e científico. Por último, o Congresso pretendeu instituir-se como oportunidade de reflexão prospetiva e como lugar de encontro entre as sensibilidades de todos os que trabalham profissionalmente com livros e com outros suportes de natureza bibliográfica.

Nesse sentido, foram apresentadas Conferências, Mesas Redondas e sessões de Testemunhos em torno de temas como o valor das bibliotecas universitárias, a biblioteca universitária em contexto; as mudanças e os desafios; a biblioteca universitária e a sociedade da informação e conhecimento; o impacto do acesso aberto na comunidade científica, e as bibliotecas digitais.

MARIA MANUEL BORGES

Universidade de Coimbra

University of Coimbra

**BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS:
JOGOS DE LUZ E SOMBRAS**

UNIVERSITY LIBRARIES:
THE INTERPLAY OF LIGHT AND SHADOWS

RESUMO: Procura-se nesta comunicação sublinhar o papel de centralidade da biblioteca universitária, de que a Biblioteca de Alexandria constitui o arquétipo identitário, no ensino e na investigação.

A possibilidade de acesso pleno ao conhecimento configura-se em torno de uma nova Alexandria, epicentro de uma nova revolução, a digital, que lhe dá existência no ciberespaço, e cujos pilares assentam nas bibliotecas universitárias que conhecemos.

Discute-se como, neste jogo de luz e sombras, condicionado por políticas várias que definem os horizontes do ensino e da investigação, se jogam também as condições de acesso, ou de opacidade, ao que de mais excelente produziu a mente humana.

Palavras-chave: biblioteca digital; biblioteca universitária; acesso aberto ao conhecimento.

ABSTRACT: This communication seeks to highlight the role of centrality of the university library, which has the Library of Alexandria as the archetypal identity, in teaching and research. The possibility of full access to knowledge is configured today around a new Alexandria, epicenter of a new revolution, the digital, which gives it existence in cyberspace, and whose pillars are based in the university libraries we know. In this paper we discuss how, in this play of light and shadows, conditioned by various policies that define the horizons of education and research, are also in question the conditions of access or opacity to what of the most excellent was produced by the human mind.

Keywords: digital library; university library; open access to knowledge.

Introdução

As possibilidades trazidas pela escrita tornaram possível a construção de espaços dedicados ao armazenamento externo da memória humana, dos quais destacamos as bibliotecas. Nesta breve incursão assume particular relevo a grande biblioteca de Alexandria que incorpora, de algum modo, as bibliotecas da Academia de Platão e do Liceu de Aristóteles, as quais representam os exemplos mais antigos de uma biblioteca de investigação¹.

Comemoramos hoje os 500 anos de uma biblioteca universitária que se insere nesta tradição e que, tal como as que a antecederam, resulta da vontade política que se traduz pela afirmação da sua importância ao longo do tempo para o progresso do conhecimento humano.

Reafirma-se nesta comunicação o papel de centralidade que as bibliotecas universitárias ainda detêm na contemporaneidade, traduzido pelo investimento arquitetónico que podemos testemunhar com resultados significativos dos pontos de vista estético, simbólico e cultural, fruto da vontade política que lhes dá o ser. E constatamos que a passagem do tempo não deteve, ainda que tenha contido, a força e a colateral expressão física, das bibliotecas universitárias.

De Alexandria a Xanadu

Uma grande biblioteca é um sinal de permanência, mas também de poder: “Plutarco relata que o bibliotecário Demetrius [da Biblioteca de Alexandria] aconselhou Ptolomeu a «coletar todos os livros sobre a realeza e o exercício do poder e a lê-los»”². Recuperando a sua vocação

¹ EL-ABBADI, M. – *The life and fate of the ancient Library of Alexandria* [Em linha]. Paris: Unesco/UNDP, 1992. Disponível na WWW em: <URL:<http://www.amazon.com/Life-Fate-Ancient-Library-Alexandria/dp/9231026321>>.

² LERNER, F. A.; SCHIMMEDI, S. B. – *The story of libraries: from the invention of writing to the computer age* [Em linha] New York: Continuum, 2001. Disponível na WWW em: URL:http://www.amazon.com/Story-Libraries-Invention-Writing-Computer/dp/0826413250/ref=sr_1_1?ie=UTF8&qid=1388321007&sr=8-1&keywords=0826413250, p. 126.

primeira, uma biblioteca constitui igualmente uma alavanca desse poder por excelência que é o conhecimento.

Foi durante o séc. XVIII, com a Filosofia das Luzes e o despontar de um novo tipo de universidade vocacionada para a ampliação, e não apenas transmissão, do conhecimento que a biblioteca universitária iniciou a sua transição de 'casa do tesouro' para o centro da vida intelectual, um processo que começou na Alemanha, e de que Gottingen constituiu um bom exemplo³.

A Universidade de Gottingen abriu em 1737 concebida quer como uma universidade de investigação, quer de ensino. Conta-nos Lerner⁴ que, em 1816, Bostonian George Ticknor comparou Harvard com Gottingen onde estava a estudar e achou que a grande e radical diferença se devia ao modo como cada universidade olhava para a sua biblioteca:

One very important and principal cause of the difference between our University and the one here is the different value we affix to a good library and the different ideas we have of what a good library is.(...)

It cannot better explain you the difference between our university in Cambridge and the one here by telling you that there I hardly say too much when I say that it consists in the library, and that in Cambridge the library is one of the last things thought and talked about.

A centralidade ou acessibilidade aos fluxos informacionais, particularmente à informação científica, é condição indispensável ao desenvolvimento. Contudo, a maioria dos investigadores, estudantes e público em geral têm sido relegados para a periferia, afastados das fontes de informação indispensáveis à construção do conhecimento. Este fenómeno, que decorre da perda progressiva do poder aquisitivo das bibliotecas universitárias e especializadas, é mais grave em países com maiores dificuldades económicas, o que produz desigualdades no ensino e na investigação.

³ LERNER, F. A.; SCHIMMEDL, S. B. – *The story of libraries: from the invention of writing to computer age* [Em linha] New York: Continuum, 2001, p. 125.

⁴ LERNER, F. A.; SCHIMMEDL, S. B. – *The story of libraries*, p. 128.

O que as novas plataformas digitais, das quais as bibliotecas são uma parte integrante e fundamental, podem permitir é uma maior transversalidade dos processos e conteúdos informativos, instaurando o que Willinsky⁵ designa por ‘princípio do acesso’. Tal princípio assenta numa ideia básica, a da equidade no acesso aos recursos de informação que as bibliotecas sempre procuraram garantir. O conhecimento, esse bem público por excelência, não se esgota pelo uso, muito ao contrário, vive desse uso e da capacidade de significação em novos contextos.

A comunicação entre os cientistas, o acesso à informação científica, a publicação eletrónica e a educação e formação em ciência poderão tender a refletir as possibilidades oferecidas pela tecnologia digital, quer no que toca ao alargamento quer ao fechamento da informação e reforço daquela proprietária⁶.

Os princípios e linhas orientadoras da OCDE⁷ reclamam abertamente que seja promovida uma cultura de abertura e partilha dos dados da investigação entre as comunidades de investigadores dos países-membros, mas também a outros investigadores, estimulada a troca de boas práticas no acesso e partilha dos dados, aumentada a consciencialização sobre os potenciais custos e benefícios das restrições e limitações no acesso e partilha dos dados da investigação financiada com dinheiros públicos, sublinhando, entre outros aspetos, a necessidade de considerar o acesso aos dados e partilhar regulamentos e práticas na formação das políticas de ciência e programas dos países membros.

O problema do acesso à informação não reside apenas no acesso puro e simples ao arquivo da ciência, apesar de primordial, mas no modo como esta informação é recuperada pelo utilizador sempre que necessária. A grande vantagem da informação digital é que a passagem de um ponto a outro do sistema, isto é, da pesquisa à recuperação do objeto, de um objeto a outro objeto, pode ser linear e isenta dos constrangimentos espaço

⁵ WILLINSKY, J. – *The Access Principle: The Case for Open Access to Research and Scholarship*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2006.

⁶ No sentido em que requer pagamento para a sua utilização.

⁷ PILAT, D.; FUKASAKU, Y. – OECD Principles and Guidelines for Access to Research Data from Public Funding. *Data Science Journal*. Vol. 6, p. OD4-D11. OECD. doi:10.2481/dsj.6.OD4

temporais associados ao universo analógico. Contudo, é também verdade que o universo digital pode incluir barreiras ao acesso, quebrando, assim, a possível linearidade e impedindo o fluxo da informação científica nos moldes ideais ao seu funcionamento. É a consciência desta diferenciação entre universos de primeira e de segunda que impele a um posicionamento mais equitativo na construção da ciência. Para aqueles que se encontram mais distanciados dos fluxos informacionais, e assim, remetidos para a periferia dos processos, os obstáculos são de vária ordem: económicos, infraestruturais, políticos, linguísticos e culturais. Reconhecer que é assim, significa estar atento ao tipo de problemas a enfrentar:

- O progresso científico e tecnológico requer investigação e é indissociável do desenvolvimento social e económico;
- A comunicação científica é uma parte crucial às atividades de pesquisa e desenvolvimento, pelo que qualquer obstáculo à sua difusão constitui um real obstáculo ao progresso científico;
- O acesso sem restrições a informação científica torna-se a garantia de um uso mais amplo desta informação, condição indispensável não apenas para os investigadores mas também para a aprendizagem ao longo da vida de outros tipos de público, além do público em geral;
- O livre acesso à informação de qualidade torna-se mais urgente numa sociedade globalizada, de modo a garantir o acesso a todos sem exceção;
- Para os países em vias de desenvolvimento, torna-se mais crítica a aplicação de princípios que viabilizem um acesso livre para facilitar a participação destes países na produção e difusão da informação científica, enquanto, e simultaneamente, devem ser criadas as condições para a cobertura de temas de investigação que reflitam as preocupações destes países.

A tecnologia digital ao abolir o espaço e o tempo não torna homogéneas as condições de acesso e produção da ciência e é esta heterogeneidade que requer a discussão para a diluição, tanto quanto possível, das diferenças. Ao contrário do que se passa hoje, é bem possível que venham a afirmar-se formas mais personalizadas, e portanto cultural e

geograficamente determinadas, que vêm enriquecer o atual discurso científico pela adição de outras vozes e outras competências. É por esta razão que o movimento dos repositórios institucionais e temáticos, que têm as bibliotecas como um dos principais ‘stakeholders’, pode vir a revelar efeitos colaterais que conferem uma maior expressão na diversidade de temas e interesses específicos de determinadas comunidades, uma personalização que pode constituir uma enorme mais-valia, sobretudo na Europa, onde esta diversidade pode vir a ser mais fecunda. Tais alterações implicam, entre outras, soluções de integração tecnológica, mecanismos de citação, resolução de problemas relacionados com o *copyright*, mas, de todos estes problemas, provavelmente aqueles que assumem particular relevo para os autores são os relativos ao *copyright*⁸ e à perceção sobre a qualidade dos trabalhos produzidos, a qual varia de acordo com as culturas epistémicas.

As assimetrias geográficas, também elas informacionais, não se diluem com a tecnologia, chegando mesmo, em alguns casos, a agravar-se fortemente⁹. A rede tem uma franca expressão em pólos geográficos determinados e, conscientes deste problema, criaram-se medidas específicas para os países menos desenvolvidos. Programas como o HINARI¹⁰ ou o AGORA¹¹ constituem uma diferença digna de nota em áreas fundamentais. Contudo, o problema não se esgota aqui. Quando as maiores bibliotecas universitárias do mundo, como a de Harvard, reconhecem a impossibi-

⁸ Aqui não é possível deixar de reforçar-se que o que mais preocupa os investigadores é o sistema de reconhecimento dos seus trabalhos e apenas secundariamente a questão da propriedade intelectual, a qual apenas assume um interesse fulcral se houver uma atribuição errónea da autoria. Coloca-se, contudo, o problema da cópia indevida, cuja deteção é também facilitada por software apropriado.

⁹ O uso da Internet em alguns países não se encontra muito desenvolvido.

¹⁰ Trata-se de um programa lançado em Janeiro de 2002, pela WHO (*World Health Organization*) com a colaboração dos principais editores que permite aos países em desenvolvimento terem acesso a informação biomédica e de saúde. Envolve mais de 113 países e mais de 3000 títulos. Informação disponível na [www:http://www.who.int/hinari/about/en/](http://www.who.int/hinari/about/en/).

¹¹ Trata-se de um programa lançado em Outubro de 2003, pela FAO (*Food and Agriculture Organization of the United Nations*) com a colaboração dos principais editores que permite aos países em desenvolvimento ter acesso a informação na área da alimentação, agricultura, ciências do ambiente e ciências sociais com estas relacionadas. Envolve mais de 800 títulos. Informação disponível na [www:http://agora.aginternetwork.org/content/en/journals.php](http://agora.aginternetwork.org/content/en/journals.php).

lidade de manutenção da situação atual e descontinuam assinaturas de títulos de revistas científicas, estão a dar uma nota clara de que já não é possível continuar a operar nestas condições. Não é, aliás, por acaso que a ARL constituiu o SPARC com o objetivo de estimular a competição e criar alternativas num mercado dominado pelos editores comerciais, uma iniciativa que tem também a sua correspondente europeia, o SPARC *Europe*. Poderia pensar-se que se trata, pois, de um problema que respeita às bibliotecas e à desadequação dos seus orçamentos para fazer face à escalada de preços dos títulos fundamentais. Mas não é assim. A verdade é que este problema afeta, sobretudo, os autores que vêm progressivamente negada a possibilidade de serem lidos, e consequentemente citados, a razão de ser da publicação. É precisamente por esta razão, a de aumentar a visibilidade internacional que, para a informação produzida em países não anglófonos, foi lançado o SciELO, em 1998, e do qual Portugal também faz parte, aplicando as mesmas regras de avaliação de qualidade das grandes bases de dados internacionais às revistas científicas aí incluídas, as quais se encontram em acesso livre.

O conhecimento, tornado motor da economia, vem chamar a atenção para as questões relacionadas com a propriedade intelectual e, sobretudo, com a industrial¹². A discussão envolve frequentemente o problema da estimulação da inovação, o qual, para alguns, implica o reforço da proteção da propriedade intelectual traduzido, por exemplo, nos EUA pelo DCMA, enquanto para outros este fechamento só pode constituir um obstáculo à criatividade e, consequentemente, obstaculizar o processo de inovação¹³. Este problema é agravado pelos diferentes códigos da propriedade intelectual num contexto de diluição de barreiras geográficas que

¹² Uma das características dos objetos digitais é a facilidade de uso, parcial ou total, para a constituição de um novo objeto, o que é em si suficiente para gerar discussões acerca da propriedade intelectual. As questões sobre a propriedade industrial não foram abordadas neste estudo por se encontrarem fora dos objetivos pretendidos.

¹³ São disto exemplo os protocolos da Internet (TCP/IP) mas também da *World Wide Web* (o seu protocolo, a linguagem e a abertura pela integração de outros protocolos já existente como o *gopher* e o *ftp*) e o *software* licenciado em GPL. Veja, a este propósito, LESSIG, Lawrence – *The future of ideas: the fate of the commons in a connected World*. New York: Vintage Books, 2002. ISBN 0-375-72644-6.

a tecnologia digital elimina. As universidades, como produtoras de bens cobertos por códigos de propriedade intelectual, devem ter uma política clara nesta matéria, não apenas para o material publicado mas também para aquele desenvolvido para fins de ensino, por exemplo.

De Otlet a Berners-Lee ou para concluir

Um aspeto fundamental da biblioteca digital por oposição à de Alexandria é a aposta na concentração virtual de recursos em vez da concentração física. A verdade é que existe hoje uma real impossibilidade de cobertura dos títulos fundamentais em qualquer área do conhecimento e muito particularmente aqueles ligados à ciência e tecnologia.

A concentração virtual exige cooperação entre instituições à escala nacional e internacional, mas só através da cooperação se consegue ganhar a massa crítica fundamental para conferir valor acrescido a este tipo de projetos que envolvem, pelo número de partes interessadas, uma grande complexidade em termos de expectativas e gestão de práticas.

Também complexa é a gestão do acesso aos objetos de informação que alberga ou aos quais dá acesso, um problema de direitos de autor. O *copyright* tem sido, como vimos, uma das preocupações das bibliotecas, não apenas naquelas digitais mas em todas as que recorrem às fontes de informação digital, em linha ou fora de linha.

Voltamos, de uma forma recorrente, à ideia de congregação de todos os recursos de informação num único local, físico, como o Mundaneum de Paul Otlet, ou virtual como o território de Tim Berners-Lee. E testemunhamos, pelos exemplos apresentados, a concretização desta dupla tendência: falamos na construção de bibliotecas digitais e repositórios, seres desterritorializados, ao mesmo tempo que erigimos novas bibliotecas físicas. Do território físico ao virtual conseguimos ampliar o terreno da memória, e, com isso, criámos as condições de acessibilidade para novas formas de produção e exploração da informação com destaque para a informação científica. É este o terreno da ciberciência ou e-research,

como alguns lhe preferem chamar, ou ainda da *Digital Scholarship* que se expressa por meio da tecnologia digital.

Estar no centro dos fluxos de informação requer que a biblioteca adote uma estratégia de integração: integração com outros sistemas, com novos ritmos dos utilizadores, com novos objetos, com novas formas de fruição dos seus espaços, e tudo isto coloca novos desafios às bibliotecas e aos seus profissionais. Apesar da crise económica, que afeta sempre de um modo tão particular a ciência e a cultura, não deixamos de registar bons exemplos que surgem da vontade política de gerar novas alianças e que vêm demonstrar que as possibilidades estão aí e que das parcerias todos beneficiam. Ora centro, ora periferia, ora luz, ora sombra, assim se vão ritmando as coleções, os serviços e os espaços em torno da sua razão de ser, cada um de nós enquanto usufrutuário pleno desta construção humana.

É provável que a biblioteca do futuro espelhe esta tendência, a do usufruto da biblioteca enquanto espaço habitado por vozes humanas, no aqui e agora, que manipulam tanto os objetos físicos que conhecemos, quanto os virtuais, os quais passarão a incluir as potencialidades da tecnologia, tal como acontece com o meio analógico de que dispomos hoje. Não teremos de escolher, mas apenas usufruir o que cada meio tem para oferecer.

O vídeo promocional da Biblioteca Mundial Digital, um projeto da Biblioteca do Congresso e UNESCO em parceria com mais 31 instituições, é o protótipo claro daquilo que pode ser uma biblioteca digital em pleno: cooperativa, transnacional, com capacidade de exploração avançada dos objetos de informação e completamente imersa na atual vaga de partilha plena da informação: comemoramos Alexandria dando as boas vindas a Xanadu, a biblioteca imaginada por Ted Nelson. Bem vindos a Xanadu!

Referências bibliográficas

- EL-ABBADI, M. – *The life and fate of the ancient Library of Alexandria* [Em linha]. Paris: Unesco/UNDP, 1992. Disponível na WWW em: <URL:<http://www.amazon.com/Life-Fate-Ancient-Library-Alexandria/dp/9231026321>>.
- LERNER, F. A.; SCHIMMEDL, S. B. – *The story of libraries: from the invention of writing to the computer age* [Em linha] New York: Continuum, 2001. Disponível na WWW em: <URL:http://www.amazon.com/Story-Libraries-Invention-Writing-Computer/dp/0826413250/ref=sr_1_1?ie=UTF8&qid=1388321007&sr=8-1&keywords=0826413250>.
- PILAT, D.,; FUKASAKU, Y. – OECD Principles and Guidelines for Access to Research Data from Public Funding. *Data Science Journal*. Vol. 6, p. OD4–OD11. OECD. Disponível na WWW em: <doi:10.2481/dsj.6.OD4>.
- WILLINSKY, J. – *The Access Principle: The Case for Open Access to Research and Scholarship*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2006.

José Augusto Cardoso Bernardes é Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Diretor da Biblioteca Geral da Universidade

Ana Maria Eva Miguéis é coordenadora do Serviço Integrado das Bibliotecas da Universidade de Coimbra

Carla Ferreira é bibliotecária nos Serviços de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.



Série Documentos
Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press
2015

